O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXI Volume	Redacção e Administração Travessa do Convento de Jesus, 4	30 de Abril de 1908	Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27	N.º 1056

AS EXEQUIAS POR ALMA DE EL-REI D. CARLOS E PRINCIPE D. LUIS FILIPPE NA EGREJA DOS JERONIMOS

(Cliché Alberto Lima)

CHRONICA OCCIDENTAL

Estamos no tempo dos congressos, que são agora moda. Querendo a chronica procurar em alguns d'elles um pouco de proveito, que o mesmo é que dizer um pouco de assumpto, só tem a resolver o embaraço da escolha. Congressos do livre-pensamento, congressos de instrucção, congressos republicanos — temos de tudo. Graças a Deus, é bem certo não haver miseria que não desande em fartura!

Mas, porque a respeito de livre pensamento o melhor que cada qual tem a fazer é deixar aos outros a liberdade de pensarem como melhor lhes conviér; e porque a respeito de propaganda republicana em Portugal, ella está entregue, como é sabido, em muito boas mãos, vamos nós a aproveitar o ensejo de cavaquear mais uma vez a proposito de instrucção, que é, afinal, o que mais falta nos faz.

O analfabetismo, alastrando-se desmedidamente no mappa da intellectualidade portuguêsa, impressiona deveras e por isso não admira que este assumpto tanto inquiete os espiritos serios, que se preoccupam dos destinos da patria.

Não são d'agora as lastimas, os protestos, as solicitações em nome do paiz; veem de longe, teem sido de muitos; teem vindo, porém, como

S. M. EL-REI D. MANUEL II
SAHINDO DA EGREJA DOS JERONIMOS

(Instantaneo A. Lima)

gritos esparsos do mesmo desalento e como retalhos inquietadores do mesmo quadro.

A ignorancia é sem duvida uma vergonha nacional e uma das causas que mais singularmente contribuem para o definhamento da nossa actividade. Destituido das mais ligeiras noções de progresso, o povo limitar-se-ha a seguir rotineiramente o exemplo estranho, sem que a iniciativa propria o abalance a qualquer emprehendimento. Emquanto permanecer este estado de coisas, a nossa inferioridade, sobretudo debaixo do ponto de vista industrial, será manifesta e continuaremos na dependencia das nações mais adeantadas.

E' verdade que em Portugal se tem trabalhado um pouco, sobretudo nos ultimos tempos, em favor da instrucção primaria, mas não é menos exacto que esse trabalho, em geral, está longe de representar qualquer coisa de verdadeiramente pratico e util. A mania que existe na nossa terra de edificar e destruir sem tom nem som, sacrificando as vantagens geraes aos caprichos pessoaes ou partidarios, tem sido uma das mais fortes causas não só do atrazo que caracterisa os serviços da instrução popular, mas tambem da perturbação que os confunde. A dolorosa percentagem do analfabetismo filia-se nesta desordem, neste desdem, neste criminoso desleixo pelo que constitue uma das energias vitaes da patria.

Do fundo do seu miseravel abandono, a escola primaria reflecte aqui, numa desoladora nitidez, todas as desorientações, todos os erros e todas

as corruptelas do nosso meio social e politico. Ultima das nossas estações civilisadoras, afogada nessa noite immensa que se fez de toda a sombra de quatro milhões de analfabetos, é por ella que na historia dos progressos modernos somos os mais pequenos e os mais afastados da Europa culta.

A situação mental do povo português é das mais deprimentes, embora a sua indole, a sua natural esperteza, supra em grande parte os defeitos da sua educação.

E, todavia, é digna de notar-se a desproporção enorme que existe entre os analfabetos e os individuos que todos os annos saem diplomados das escolas secundarias e superiores. Deduz-se d'aqui que as classes populares estão completamente desfavorecidas dos meios de ensino mais elementar. Os pobres, os filhos dos humildes, não frequentam a escola e a escola não procura attraí los. Em compensação, as classes medias e ricas dão um contingente excessivo ao proletariado intellectual.

Neste momento e por toda a parte do mundo, a evolução da creança é considerada maternalmente nos seus multiplices aspectos, estudando-se o regimen que se deve adoptar na direcção de todas as suas faculdades, quer affectivas, quer intellectuaes, quer imaginosas. O espirito e o corpo despertam simultaneamente a mesma attenção. A pedagogia continua os affagos da familia e a familia reforça com ternura o zelo do professorado, annulando o quer que seja de pedantismo que a frequencia dos estudos escolares tenha produzido na imaginação do educando.

A escola primaria destina-se assim a exercer uma das mais importantes missões na sociedade moderna. Quando o espirito religioso se vae amortecendo, quando a fé e a crença vão perdendo gradualmente a sua intensidade, é justo e rasoavel que a escola, não substituindo a egreja, mas pondo-se a par d'ella, a venha até certo ponto auxiliar e corroborar. A escola é tambem uma religião e o professorado um sacerdocio.

Cumpre á escola preparar as creanças, a fim de que sejam cidadãos uteis; uteis a si e á familia, uteis á patria, uteis á humanidade. A escola tem tambem o seu cathecismo: o das virtudes civicas, o do amor do proximo, e o do patriotismo.

Não basta instruir, é preciso tambem educar. Prepare-se o espirito, mas prepare se egualmente o caracter. A intelligencia converte-se muitas vezes em orgulho; convem por conseguinte que a modestia e a bondade lhe venham a servir de correctivo.

E' assim que se comprehende a educação moderna.

A escola, a familia, a sociedade, estes tres elementos essenciaes devem concorrer poderosamente, na mesma intensidade scientifica e affectuosa, para a realisação da obra commum, isto é, para a emancipação da humanidade, proporcionando-lhe na terra, desde a mais tenra infancia, os meios de ser feliz. Para se alcançar com exito este resultado, urge patrocinar a creança, guiando-a e vigiando-a de continuo, até que um dia, senhora de suas ações, possa arcar com todos os obstaculos, tornando-se util a si e aos outros.

Nos seus ideáes de civismo e de educação moral, no seu culto pela nacionalidade e nos seus processos praticos de preparação para as luctas da vida; numa fabrica ou numa granja, a um balcão de commercio ou na cathedra de um instituto de sciencia, no tombadilho de um navio ou nas profundezas de uma mina — no dizer de eminente critico — o professor primario na Inglaterra e na Suissa, na Hollanda e na Belgica, dentro da sua escola admiravelmente orientada, é o primeiro missionario de uma alta civilisação, um poderoso esteio da sua nacionalidade, a força inicial, impulsora dos progressos do seu paiz. Como se os seus nervos e a sua alma formassem um dinamo potente, do qual proviessem a luz creadora de todos os nobres ideáes da sua raça e as energias fundamentaes de todos os grandes emprehendimentos da sua nacionalidade!

Se o analfabetismo, especie de cegueira e escravidão moral, nos faz lamentar a sorte do povo português, não menos nos inquieta a falta de principios solidos sobre os quaes deva assentar a legitima e verdadeira educação nacional. Não basta ensinar a ler; convem, sobretudo, saber que leitura se deve propiciar aos espiritos incautos, ás intelligencias embrionarias, aos cerebros avidos de conhecimentos, mas completamente despidos de criterio para discernir o util do inutil, o benefico do pernicioso.

Pode elevar-se o numero das escolas, mas nem por isso a instrução se transmitirá mais facilmente e será mais proveitosa. A qualidade deve prevalecer á quantidade. Sem edificios apropriados, sem a materia indispensavel, sem professores competentes, o ensino terá uma representação no papel, nas estatisticas officiaes, mas nos seus resultados praticos será uma verdadeira fantasmagoria.

Se as obras escolares são florescentes, as obras sociaes apresentam uma grande utilidade. Neste caso, ellas dirigem-se a homens favoravelmente dispostos pela educação que receberam e podem largamente contribuir a conserval-os no bom caminho.

No estado de profunda e incontestavel decadencia a que chegaram, por circumstancias multiplas, as sociedades latinas, optimo é que alguem haja firme no proposito de tentar uma possivel, ainda que lenta transformação da raça pela educação das creanças.

O probléma não é dos que em alguns discursos e poucas pennadas se resolvem, nem d'aquelles cuja simplicidade permitta traçar rapidamente as linhas geraes em que possa assentar a sua solução. Mas o que póde fazer-se é estudal-o nos seus variados aspectos, amontoando materia de onde, alfim, a uma conclusão proveitosa e decisiva possa chegar-se.

A preoccupação dominante, que facilmente se observa na educação das creanças que hão-de constituir o arcaboiço das nossas futuras gerações, é a de tornal-as desde o berço em pequenos sabios. O amor pelo trabalho fica-lhes porém desconhecido desde os primeiros passos. E após um exame precoce de materias que mecanicamente decorou mas não poude digerir, a creança de um ou outro sexo poderá supôr, sem que isso admire, que tudo quanto precisou caiu feito do ceu!

A primeira das condições para uma educação que permitta a reorganisação da sociedade portuguêsa, será tornar comprehensivel ás creanças que á satisfação de todas as suas necessidades vem ligada uma idéa de trabalho constante. Ora a comprehensão d'este facto não se obterá facilmente com os processos até hoje mais precisamente seguidos. O ensino caseiro ha-de sobrepôr-se solidamente ao dos estabelecimentos de ensino rudimentar ou primario. E' necessario crear habitos de lar, evitando ás futuras gerações a educação de uma superficialidade perigosa, que as torna improprias para resistirem aos rudes combates da vida, aniquiladas ao primeiro revez, desconhecedoras de leis da egualdade humana que deviam inspirar-lhe um profundo respeito pelo semelhante, base segura da verdadeira democracia indestructivel.

As creanças devem ser iniciadas no produzir para si muito do que necessitam e seja compativel com as suas forças nascentes.

O ensino em condições desfavoraveis, perniciosamente subministrado, é talvez ainda mais fatal do que a propria ignorancia. A ignorancia é para assim dizer uma faculdade negativa, que prejudica directamente a quem a possue, ao passo que o erro transmitte-se, exercendo influencia nefasta sobre os outros. O ensino, quando mal dirigido, em vez de fortalecer a intelligencia, serve muitas vezes para transtornar um caracter.

Faça-se das escolas primarias o que ellas devem ser; levem para dentro d'ellas os quatro milhões de analfabetos que são a maioria deprimidora e enorme da nossa raça e a vergonha maior da nossa historia contemporanea, e então se verá como esta nossa longa jornada para os paizes benemeritos da civilisação se tornará mais rapida e mais segura, num grande e abençoado acrescimo de actividade economica, de força moral, de poder e prestigio politico...

João Prudencio.

As exequias oficiaes por alma de El-Rei D. Carlos e Principe D. Luis Filipe

O glorioso monumento comemorativo dos descobrimentos dos navegadores portuguêses revestiu-se de pompas funebres para nelle se celebrarem, no dia 25 do corrente, as exequias oficiaes por alma de El-Rei D. Carlos e Principe D. Luis Filipe.

Ha quatrocentos e onze annos (em 1497) um rei venturoso, D. Manoel I, ali fundou em solemne acto publico, a primeira pedra da famosa fabrica, que tão alto ergueu suas abobadas como elevados eram os feitos que comemorava.

Agora outro rei tambem D. Manoel, o segundo, ali foi celebrar o seu primeiro acto publico presidindo ás exequias oficiaes por alma de seus augustos pae e irmão.

Que diferença entre estas duas ceremonias! Então tudo seriam enthusiasmos, alegrias e doiradas esperanças; agora tudo foram lagrimas, maguas e receios.

A dolorosa impressão causada pelo monstruoso atentado de 1 de fevereiro, não se desvaneceu ainda em corações portuguêses onde tarde se apagará; e se assim sucede no geral do povo, como não estará ella ainda bem viva no coração e na alma de uma esposa e mãe amantissima e de um filho e irmão estremecido, feridos de cruciante dôr.

Não era o acto religioso, por sua naturêsa, motivo de festas e de alegrias, mas sim de tristêsa, tristêsa tanto maior quanto extraordinaria foi a causa que o determinou, e por isso, além do recolhimento piedoso, que era natural, teve o cortejo de muitas lagrimas, o desconforto de uma verdadeira desolação.

As medidas de segurança tomadas pelo governo para prevenir quaesquer arruaças ou desrespeitos de discolos ás pessoas reaes, fizeram guardar de policia e guarnecer de tropa todo o trajéto que o cortejo real teve de percorrer desde o paço das Necessidades até á egreja dos Jeronimos. Dentro do templo só foram admitidas pessoas com bilhetes especiaes passados pela policia, que rigorosamente inquiria da identidade de quem os apresentava.

Houve talvez excesso de precaução em contraste com a imprevidencia de 1 de fevereiro. Esta circumstancia afastou muita gente que teria desejo de concorrer ao acto religioso, que assim se passou num relativo isolamento, só entre a côrte e o elemento oficial civil e militar.

Suas Magestades El Rei D. Manoel e Rainha Senhora D. Amelia sahiram do Paço pela primeira vez a publico, depois do tristemente memoravel dia 1 de fevereiro. Foi em carruagens fechadas e escoltadas por esquadrões de cavalaria, que se dirigiram para a egreja dos Jeronimos, entrando por uma porta da sacristia. Já ali as esperava Sua Alteza D. Affonso, todo o ministerio, altos dignitarios oficiaes. Suas Magestades tomaram logar na capéla-mór, sob o ducel armado do lado da epistola, em tres cadeiras, ficando El-Rei á direita, Sua Alteza á esquerda e a Rainha ao centro.

Do lado do Evangelho ocupam logar Sua Eminencia o Patriarca de Lisboa, os Bispos de Coimbra, da Guarda, do Algarve, de Beja, de Vizeu, de Cochim, de Macau e de Martinopoles, todo o cabido e capelães cantores da Sé. Ao centro o ministerio, ministros de estado honorarios e casa civil de El-Rei; no cruzeiro entestando o catafalco, a casa militar. Em tribunas, armadas aos lados da eça, estava o corpo diplomatico do lado do Evangelho, e pares do reino e deputados do lado da epistola. A guarda de archeiros circundava o catafalco, e sob o arco cruzeiro formava a guarda de honra de alumnos da Escola Naval e da Escola do Exercito. No corpo da egreja postavam-se peqenos contigentes dos regimentos da guarnição de Lisboa e de alguns das provincias.

A missa, de pontifical, foi celebrada pelo chantre rev.do dr. José Diniz de Carvalho acolitado pelos rev.dos benificiados Francisco José de Oliveira e João de Deus Laceiras.

Ao fim da missa, subiu ao pulpito o rev.do conego Ayres Pacheco que proferiu a oração funebre, impressionando o auditorio, tanto por seus rasgos de eloquencia, como por amargas verdades que disse do alto da tribuna sagrada, explicando que os males de que informa esta patria vêm de muito longa data. D. Carlos, que herdou a corôa de um reino já decadente, tentou e poz por obra o regeneral-o; nesse sentido dirigiu a sua politica externa com bom resultado, mas quando se voltou com a mesma ideia para a politica interna, diz o orador: «A certa altura o rei viu que a nau da governação navegava já por entre ondas procellosas, mais viu tambem que, ou tinha de ceder pusilanimemente, ou de seguir até onde o destino o levasse.»

A oração funebre foi, acaso, mais politica do que religiosa, mas as circumstancias assim o permitiam e nunca seria demais repetir verdades que muitos reconhecem e oxalá que todos dellas se convencessem.

Depois da oração funebre seguiu-se o *Liberamé* presidido por Sua Eminencia, dando respetivamente as absolvições os rev.dos Arcebispos de Mitylene, da Guarda, de Evora e Bispo Conde, sendo a ultima dada por Sua Eminencia o Patriarca.

No largo dos Jeronimos as forças de artilharia e de infantaria deram as descargas da ordenança, e com isto terminaram as exequias oficiaes, retirando Suas Magestades, que se dirigiram ao paço da Ajuda a visitar a Rainha Senhora D. Maria Pia.

C. A.

Congresso de instrucção primaria

A Liga Nacional de Instrucção

Não pode ninguem duvidar de que a patria portugueza está passando por uma crise mental e social cujos arrancos se vão accentuando de dia para dia, prognosticando, ainda aos mais scepticos, um futuro não muito longiquo, de *efectivo* progresso intellectual e material.

Efectivo, sim, porque, valha a verdade que se diga, o que por ahi se vê de scientifico é mais apparente que real; é macaqueação do que se passa lá por fóra. O fundo da nossa mentalidade tem andado muito longe do verdadeiro movimento das idéas.

Nós, que nos orgulhamos de termos sido os pioneiros da civilisação, somos hoje tratados lá fóra como povo de analphabetos, collocado a par da Turquia!

Será isto um contrasenso? Seremos nós vistos com maus olhos? Não.

Esta apparente contradicção póde talvez explicar-se pelo esforço sobrehumano com que mettemos hombros á conquista do mundo desconhecido, *por mares nunca d'antes navegados*, buscando no Oriente recheado de deslumbrantes riquezas o que no solo da patria só com perseverante trabalho poderia alcançar-se. Essas riquezas que nos seduziram na aurora da renascença, attrahiram os espiritos mais ousados e os braços mais fortes, que abandonaram o *ninho seu paterno* para irem em busca das appetecidas pedrarias, disputadas com a dextra, sempre mais vigorosa e ligeira do que a esquerda, que empunhava a cruz.

D'esse gigantesco esforço que illumina com radioso brilho os humbraes da historia, cujos feitos excedem os de qualquer outro povo, veiu consequentemente um deslumbramento a que se seguiu um verdadeiro somno hypnotico, sem vida de relação, conservando-nos alheios ao que se passava além das fronteiras. Quando da França, incontestavelmente o grande foco do movimento intellectual moderno, começou a brotar esse espirito novo que caracterisou o inicio do seculo XIX, em Portugal resistia-se obstinadamente á entrada d'esse flagello, cujos vehiculos — *os livros*—eram atirados á fogueira.

A muito custo, e apoz ingentes esforços de alguns portuguêses mais afoitos, a idéa nova irrompeu impetuosa e ovante, alagando a mais colossal de todas as muralhas — a das trevas. Já Göethe tinha proferido estas immortaes palavras: — *mais luz*.

A verdade porém é que a mentalidade nacional se mantinha no mais profundo desconhecimento das idéas universaes porque o *saber ler*, esse sexto sentido do homem, ou melhor o primeiro de todos, visto que a leitura e a escripta pódem até certo ponto compensar a falta d'algum dos classicos cinco sentidos, o *saber ler*, repetimos, tem sido apanagio de alguns felizes que, por esse facto, e só por esse, se julgam superiores aos seus semelhantes, que não possuem essa regalia. E, o que é mais, esses poucos que conseguiram aprender a ler consideram-se de tal maneira acima d'esses reprobos que os condemnam aos trabalhos mais rudes e baixos, e assim vemos que a população operaria, sobretudo os trabalhadores ruraes são na sua quasi totalidade analphabetos.

Aquelles mesmos operarios ou trabalhadores que, á custa de grandes sacrificios pecuniarios, chegam a mandar seus filhos á escola, luctam para que elles venham a conquistar um curso qualquer ou uma infinidade de exames que os habilitem a alcançar uma *posição* em que se trabalhe pouco!

Não se reconheceu ainda (e isso não deve causar espanto a ninguem, visto que temos ainda tres quartos da população que não sabe ler) que o conhecimento da leitura e da escripta faz parte integral do *homem social*, do homem factor do progresso mundial, do homem machina, do homem instrumento intelligente, que utilisa e põe em acção as forças naturaes, auxiliando-se mutuamente para a conquista de uma organisação social cada vez mais perfeita em que cada um receba o seu quinhão de bem estar em harmonia com a sua contribuição de esforço physico e intellectual.

Não se comprehende que um paiz livre seja constituido por 75 % de analphabetos, de creaturas que podem ser dotadas de boa cerebração, de idéas claras, mas que estão impossibilitadas de se familiarisar com o seu semelhante d'além fronteiras por intermedio da leitura de jornaes, livros, revistas, ignorando e não podendo mesmo conceber os prodigios de que é capaz esse mesmo semelhante que imaginou o telephone, creou o telegrapho, e assombrou o mundo com a radiographia, marconigraphia ou telegraphia sem fios e a tele-photographia, cuja descoberta constitue uma das mais recentes acquisições scientificas, em que o nosso paiz não tem o seu quinhão de gloria, não porque nós não sejamos admiravelmente constituidos para as mais altas locubrações mentaes, mas porque não possuimos os magnificos gabinetes de physica, de chimica e de outras sciencias que enriquecem os primeiros estabelecimentos scientificos da Europa, onde os sabios trabalham a vida inteira, impellidos pelo desejo das descobertas.

Entre nós porém vêem-se decididas vocações, homens de solida mentalidade e com optimas condições de trabalho, cahirem nos braços da *politica*, que os seduz de longe, offerecendo-lhes um logar apparentemente rendoso, e que lhes atrophia e embota o genio creador.

E' com profunda magua que vemos entrar para as nossas escolas superiores homens de reconhecido talento que dentro em pouco entram ao serviço não do ensino, que é tomado como sacrificio, mas da politica de campanario, que tudo amesquinha, que esmaga as mais fructiferas obras de engrandecimento patriotico espalhando a desconfiança, o desalento, e... o *odio*, serpente horrenda e mortifera!

E a instrucção em todos os seus graus tem sido sempre victima d'essa politica aviltante e esmagadora, não obstante os protestos que de vez em quando se tem levantado contra esse estado de coisas.

Têm os governos resistido a esses protestos conservando a instrucção em systematico abandono, sujeita aos caprichos da politica de occasião, que põe o professor primario na dependencia do *cacique* local. O orçamento consigna uma verba vergonhosamente mesquinha para a instrucção, que na maior parte é custeada pelas camaras municipaes, algumas das quaes, como a do Porto, se queixam de contribuir com muito mais do que recebem.

Os professores em geral e mormente os primarios, são mal retribuidos e em pequeno numero em relação ás necessidades do paiz, que muito poucas escolas possue em condições pedagogicas. A maior parte d'ellas não tem a capacidade necessaria para receber as creanças em edade escolar d'onde resalta a censuravel contradicção em que tem caido os nossos governos estabelecendo e apregoando aos quatro ventos o ensino primario obrigatorio — mas sem edificios e sem professores, vendo-se estes obrigados a leccionar classes numerosissimas, com prejuizo do ensino e da disciplina.

(Continúa.)

J. A. Macedo de Oliveira

De Lisboa a Madrid e Toledo

(apontamentos de carteira)

(Concluido do n.º 1054)

Museu do Prado. Causou-me uma extraordinaria sensação; tão grande é o numero e belleza dos seus quadros! A enorme accumulação de primores d'arte que se admiram n'este museu é formada não só pela escola hespanhola, que lhe deu os seu Riberas, Murillos e Vellasquez, etc., como tambem pelas valiosas producções artisticas de Raphael, Corregio, Ticiano, Reni, Vinci, Tintoretto, Salvador Rosa, Veroneze, etc. A escola flamenga está representada por Rubens, Teniers, Rembrandt, Vandick, etc. A escola franceza por Lorrain, Toussin, Watteau, etc., e muitos mais de que me não recordo.

Um dos pintores que mais admiração me causou foi o inimitavel Vellasquez, que ainda tem sangue portuguez por parte do pae. Que extraordinarios quadros esse immortal talento produziu; são elles em tão grande numero que se torna impossivel ennumeral-os a todos; no entanto alguns ha que me impressionaram por tal fórma, que não posso dispensar-me de os citar, são estes: *Os borrachos* que os criticos dizem ser influenciado pelo contacto com Rubens, misturando pela primeira vez figuras nuas com outras vestidas.

A Forja de Vulcâno, *As Fiandeiras*, *Retrato de Felippe IV*, *As Meninas* e a *Serie dos bobos*, assumpto que elle muito explorou visto que, na qualidade de lacaio do rei, entre elles convivia. D'elle diz Taine, o celebre critico francez: «A cotè des peintures de Vellazquez toutes les autres, les plus sincères, les plus splendides, semblent mortes ou académiques.» Poucos artistas têm sabido traduzir a realidade como este grande genio. A esculptura, apezar de muito bem representada, não tem n'este templo de arte tão subido valor como a pintura, no entretanto, ha varias obras primas dignas de se admirarem. Tambem me prenderam a attenção umas mezas de mosaico, trabalho muito complicado; entre ellas sobresae uma, sustentada por magnificos leões, offerta de Pio V a Filippe III depois da batalha de Lepanto.

O edificio ainda que vasto e sumptuoso, exteriormente não offerece particularidade que o colloque acima de outros que possue Madrid.

Armeria Real. Está situada no pateo do Palacio Real, compõe-se este monumento de preciosas collecções de armas antigas e modernas, muitas d'ellas reunem ao grande merecimento artistico um subido valor historico. Entre as riquezas que possue citarei:

A armadura romana do arnez de el-rei D. Sebastião de Portugal, Imperador Carlos V; corôa e cruz wisigoda do seculo VII, armadura de Filippe III, cujo peso total é de 85 kilos, no peito d'esta vêm-se tres signaes de balas, o arnez equestre de Filippe IV, obra milaneza, espada de Boabdill, ultimo rei de Granada, um escudo do seculo XVI com desenhos feitos de penas, etc., etc.

Igreja de S. Francisco El Grande. O logar occupado por este templo é o mesmo que occupou a ermida construida por S. Francisco de Assis no principio do seculo XIII. Mais tarde edificaram um espaçoso convento que em 1761 foi destruido para edificarem o actual templo que só ficou concluido muito depois.

Exteriormente não é um modelo de architectura, mas apenas se chega ás portas admira-se a rica obra de talha com assumptos biblicos; a rotunda está rodeada por bellas estatuas dos doze Apostolos, todas em magnifico marmore de Carrara, de uma só peça medindo mais de 3 metros de altura, trabalho dos primeiros esculptores. Em todos os altares admiram se bellos quadros de pintores contemporaneos; o altar de S. Francisco é que tem pinturas antigas de Goya, Calleya, Gonzalez e Vellasquez.

Lindos vitraes, obra de Contreras, auctor da ornamentação da egreja. Tambem se vêm ricos azulejos e valiosos frescos. Os pulpitos são de grande riqueza, tudo em marmore de Carrara dourados a fogo, as pias de baptismo são sustentadas por tres grandes anjos em bronze. E' n'este templo que se celebram todas as ceremonias religiosas officiaes.

Museu de Artilharia. Situado no antigo palacio do Buen-Retiro é de uma ornamentação pesada mas brilhante. Para se ajuizar das riquezas historicas basta dizer que possue uma collecção de peças de artilharia, que data da sua invenção. Bellas collecções de armas de todos os povos sujeitos a Hespanha, bustos de reis e homens celebres cuja historia se prende com inventos de guerra. Planos de fortificações, modelos de acampamentos, restos de fardas de militares illustres, barracas de campanha e outras recordações de alto valor historico.

Palacio Real. E' um dos maiores edificios da cidade, situado no local em que antigamente se ostentava o Alcazar; o risco é devido a Sagenti, tem 33 metros de altura e 4 andares. No centro um vasto pateo rodeado de arcadas onde todas as manhãs se vê render a guarda, um contigente de cada regimento que marcha ao som do hymno real. As ornamentações interiores são muito ricas, a escada principal é toda de pedra e tem dois leões sobre pedestaes, tudo de uma só peça, vêmse ali boas pinturas e uns medalhões representando os quatro elementos. A capella merece ser visitada; n'ella ha magnificas pinturas antigas e modernas. Ha ainda as cavallariças, que formam um edificio distincto, annexo ao precedente mas independente d'elle. Além das magnificas carruagens ha notaveis exemplares de raça cavallar.

Depois de ter visto estas curiosidades de que tenho feito umas ligeiras descripções, resolvi partir para Toledo. Regularisei á noite as contas do hotel e lancei-me nos braços de Morpheu para, no dia seguinte, estar a pé de madrugada.

Ao accordar, fiquei uns segundos a reunir as ideias, depois estendi o braço direito para o relogio e vi que eram 5 ½ da manhã! E' curioso quando nos deitamos debaixo de uma preoccupação e fito de accordar, a determinada hora é infallivel. A hora a soar e nós a despertarmos!

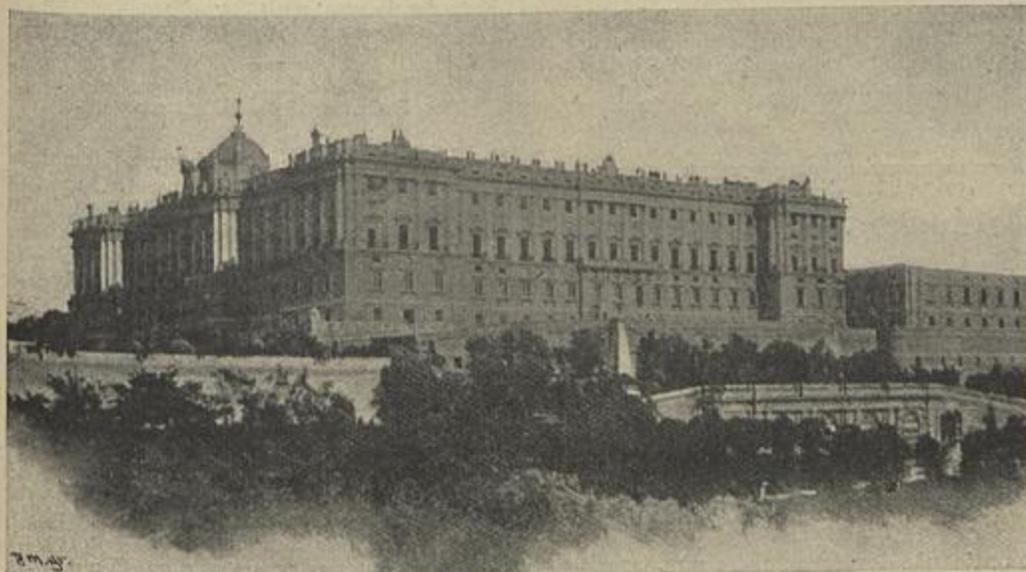
Chamei o meu companheiro e precipitei-me para a janella onde apenas vi uma vaga claridade

CONGRESSO DE INSTRUCÇÃO PRIMARIA — Grupo de Congressistas *(Cliché A. Lima)*

DE LISBOA A MADRID E TOLEDO

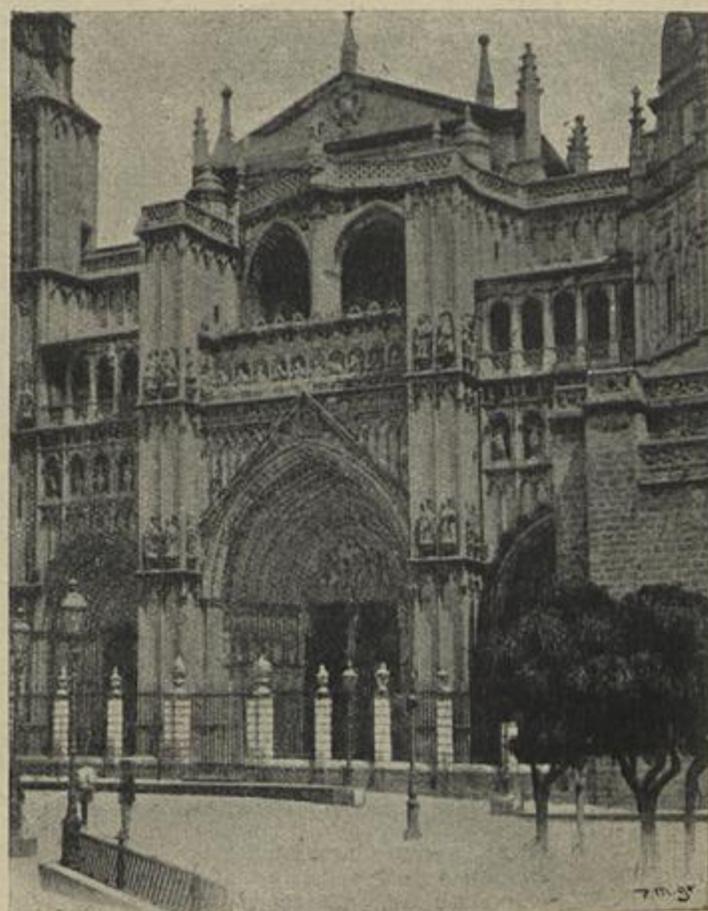
Madrid — Museu do Prado

A forja de Vulcano — As fiandeiras — *Quadros de Velazquez, no Museu do Prado*

DE LISBOA A MADRID E TOLEDO

Madrid — O Palacio Real

Arnês de El-Rei D. Sebastião de Portugal, na Armaria Real de Madrid

Madrid — A Praça de Touros

Arnês equestre de Filipe IV de Hespanha na Armaria Real de Madrid

Catedral de Toledo

(De fotografias)

e ouvi chover torrencialmente. Enchemo-nos de coragem, subimos para o primeiro trem e dirigimo-nos á estação de Atocha, installámo-nos commodamente n'uma carruagem, onde um empregado nos collocou um calorifero o que nos agradou bastante.

Por companheiros de viagem apenas tinhamos duas senhoras francezas que constantemante consultavam o Baedeker. Silvou a machina e partimos.

A linha nada tem de interessante e o trajecto é de pouca demora.

Perto de Toledo encontramos o nosso conhecido Tejo mas longe de se apresentar magestoso como em Lisboa.

Chegámos! Tomámos logar n'um incommodo vehiculo, mixto de trem e carroça. Não conhecendo hotel algum d'esta cidade, consultei o guia que recommendava com os tradicionaes elogios o Hotel Imperial como sendo um dos melhores. Para elle nos dirigimos.

Almoçámos e contratámos um cicerone para nos guiar.

Toledo, chamado a luz do mundo, na linguagem poetica dos velhos chronistas hespanhoes, é interessantissimo, ruas muito estreitas, grandes portões cravejados de variada pregaria, egrejas, conventos e recordações antiquissimas. E' uma das cidades mais antigas, dizem ser fundada pelos Phenicios, em 714; foi tomada pelos mouros e mais tarde tornou-se independente até que Affonso VI a conquistou. N'ella existem valiosos monumentos historicos taes como:

Cristo de la Luz, antiquissima mesquita onde se vêm curiosos restos.

Igreja Santa Maria la Blanca, antiga synagoga que mais tarde foi transformada em egreja e é composta de trinta e duas columnas suportando arcos em fórma de ferradura o que produz um bellissimo effeito

S. Juan de los Reyes. A porta principal está ornamentada com estatuas executadas por Covarrubias no seculo XVI. Os muros exteriores são de granito, do lado do Tejo vêm-se pendurados ferros de captivos christãos.

Sinagoga de transito. Constitue um dos monumentos mais interessantes como amostra de arte arabe.

Além d'estes monumentos são dignos de se verem os seguintes: Santa Cruz, Alcazar, Taller del Moro, Puerta del Cambron, Puerta de Visagra.

Reservamos para o fim a celebre cathedral, onde talvez no exterior lhe falte a regularidade, mas que no emtanto apresenta uma grande riqueza esculptural e magnificas portas. E' pena ser rodeado de casas o que impede poder gozar-se uma vista *d'ensemble*.

O interior surprehende pelas suas grandiosas proporções sustentadas por oitenta e oito enormes columnas de pedra. Por todos os lados riquissimos trabalhos em pedra e talha.

A porta central é illuminadada por preciosos vitraes dos seculos XV e XVI representando scenas da vida dos santos.

O coro tambem é de uma extraordinaria riqueza composto de tres preciosos altares.

A Capella Mayor foi construida pelo Cardeal Ximénes no seculo XVI, está fechada por uma explendida grade de precioso trabalho. Uma serie de estreitas arcadas muito ornamentadas suportam nichos com estatuas. Tem um grande numero de tumulos de reis e arcebispos.

Atraz da capella está o tumulo do Cardeal Astorga.

Capélla Muzarabe, assim chamada porque serve de celebração aos officios do rito muzarabe, differente do rito latino, segundo a fundação do Cardeal Ximénes.

Ainda hoje ahi se celebram esses officios. Na sachristia, toda forrada de bellos marmores, estão preciosos quadros de mestres.

Uma das coisas tambem notaveis n'este templo é o celebre Thesouro onde se entra acompanhado de um verdadeiro cortejo de padres composto de um conego e outros de categoria inferior e está fechado por cinco portas a que correspondem cinco enormes chaves. Somos logo surprehendidos por uma verdadeira riqueza, vestes ornadas de pedras preciosas faiscando de todos os lados, collossaes castiçaes de prata de complicado trabalho, uma immensa custodia de prata dourada, primoroso trabalho que mede tres metros e que pesa a bagatella de 17 arrobas, dois valiosos trabalhos em prata attribuidos a Benevenuto Cellini e muitas outras riquezas. Dizem ser um dos Thesouros mais ricos de Hespanha. O que não poude comprehender foi a razão porque nos acompanhou um tão grande numero de padres, estando tudo tão fechado e tão bem acondicionado. As riquezas d'esta cathedral são tantas que difficilmente se pódem apreciar n'uma só visita.

Tambem se deve visitar a afamada Fabrica de Armas, reputada em todo o mundo e que além de armas tambem fabrica objectos de ourivesaria de curiosa combinação de ouro e aço.

Depois de vêrmos esta interessante cidade voltamos a Madrid d'onde no dia seguinte partimos para Lisboa, não sem saudades dos bellos dias passados no reino visinho.

JOM.

A revolução de Pirmasentz

POR A. KARR

V

(Concluido do n.º 1055)

Logo que a turba-multa desapareceu, Ricardo escreveu a seguinte carta:

«Meu querido tio

«Não posso, não devo, nem quero ser por mais «tempo principe reinante. Quando Vossa Alteza «tiver recebido esta carta já eu estarei longe de «Pirmasentz. Cedo a Vossa Alteza todos os meus «direitos a este principado, mediante uma pensão «annual de 1:500 florins. Não é muito para Vossa «Alteza mas será bastante para mim. Espero que «tome para seu serviço o Barão de Robrecht que «é um bom e leal servidor.

«Receba, Vossa Alteza, um affectuoso abraço «do seu sobrinho.

RICARDO.»

No dia seguinte de madrugada assim que o sol coloriu com seus rosados reflexos as cortinas de cassa do seu leito — o principe só tinha cortinas de seda na sala do throno — Ricardo metteu nos bolsos os seguintes preciosos objectos:

Trinta ducados, unico dinheiro que possuia, As cartas de Guilhermina, uma flauta, instrumento que o principe muito bem tocava.

Montou a cavallo, e sahiu de Pirmasentz talvez para nunca mais voltar.

A' sahida da cidade o principe voltou-se, e os seus olhos se fixaram nas acacias do parque de Roberto, e suspirando exclamou: Guilhermina! Que loucos prejuizos me impediram de te esposar, ainda no tempo da minha grandeza. Agora, assim pobre como estou, teu pae me recusará. Apezar de tudo quero fallar a Guilhermina, e deliberado metteu o cavallo a trote largo.

Bem depressa Ricardo chegou a casa da tia de Guilhermina, que muito se admirou da visita inesperada do principe, o qual em poucas palavras, lhe referiu os extranhos successos passados em Pirmasentz.

— Guilhermina, querida Guilhermina, que linda vivenda esta, para passar aqui a minha vida tranquillamente comtigo! Ah! Porém, já não posso pedir a tua mão, depois de ter a cobardia de não te desposar quando ainda era principe. Queres saber qual é ao presente a minha riqueza toda? Trinta ducados em dinheiro, e uma pequena pensão de 1:500 florins!

—Meu principe, atalhou a tia, ainda ha uma esperança; eu sei que Guilhermina vos ama, e que meu irmão não se opporá a uma alliança que tanto o honra.

—Ah! exclamou Ricardo, beijando a mão da tia de Guilhermina, agora um risonho horisonte me apareceu.

....

Voltemos a Pirmasentz.

Logo que constou a retirada do principe, oito populares tomaram o governo do estado; ao meio-dia eram já 32 os governantes, e á noite todos os cidadãos de Pirmasentz governavam. Felizmente, na manhã seguinte, o tio de Ricardo, que acceitara com prazer o offerecimento do sobrinho, mandou um cabo de esquadra e seis soldados, que acabaram logo com a Revolução de Pirmasentz.

(Trad.) F. S.

LIVROS

«Memorias de uma actriz» e «Musa Hysterica»

POR

Mercedes Blasco

Mercedes Blasco é o nome de uma das nossas mais conhecidas *estrellas* de oppereta. Ha muito tempo retirada do palco, onde agora voltou novamente, para proseguir no seu caminho de gloria e ovações, a gentil actriz aproveitou os seus lazeres para escrever as suas *Memorias*. Já antes da sua publicação o publico as esperava com impaciencia, pela quantiosa somma de revelações que ellas deviam trazer e pelo brilho desusado da prosa, sabendo-se que a sua auctora era tambem uma escriptora conhecida e com largo tirocinio jornalistico. Não falhou a espectativa dos anciosos, porque o livro sahiu e breve se esgotou. Maravilhosamente escripto n'uma bella prosa e tendo ainda factos de uma vida bohemia e cheia de graça, com muita graça contados, e com invulgar interesse prendendo a attenção dos leitores, as *Memorias de uma actriz* tiveram agora a sua 2.ª edição.

Não é isto um facto vulgar e uma segunda edição em Portugal equivale a uma verdadeira apotheose, e tanto maior ella é se considerarmos o curto espaço de tempo em que a primeira se esgotou. A segunda, que temos presente, encerra um capitulo novo a que Mercedes Blasco deu o titulo *Cartas de agora*. E' a reunião de cartas que apóz a publicação das *Memorias* lhe foram enviadas. Não se julgue que são cartas banaes, méros agradecimentos. São cartas firmadas por nomes como o de Gomes Leal, Xavier de Carvalho, Forjaz de Sampaio e outros. Entre ellas sobresahe uma carta de Francisco Valença, o espirituoso caricaturista do *Supplemento do Seculo*, carta-charge, carta cheia de graça, feita com desenhos intercallando o texto. Emfim Mercedes Blasco alcançou um triumpho com as suas *Me-*

MERCEDES BLASCO

morias em vista do que ha motivo para esperar o segundo e promettido volume, que deve ser tão interessante e tão curioso como este publicado. Esta segunda edição é pois motivo mais sufficiente para calorosamente se felicitar a sua auctora.

Ha muito já que conheciamos Mercedes Blasco como poetisa distincta. Agora tivemos a confirmação plena do seu talento com a publicação d'esta invulgar e curiosa *Musa Hysterica*, onde ha versos de um brilho extraordinario e poesias de uma originalidade flagrante. Se, com a publicação das *Memorias*, Mercedes Blasco tem direito a ser considerada uma prosadora elegante e impeccavel, com a publicação da sua *Musa Hysterica* ella enfileira na galeria dos melhores e mais originaes poetas da terra portugueza. Constituido por poesias soltas, de metros diversos e diversos rythmos este livro serve tambem para demonstrar a profunda malleabilidade do talento de Mercedes Blasco. Assim, percorrendo o livro, encontraremos o soneto de uma bella correcção artistica, como *Bohemia; Nervosismos*, que é uma verdadeira joia; *Estatua*, um primor que tem a correcção dos marmores de Corintho; *Cléopatra*, etc.; a gazetilha, a quadra, a quintilha. Encontramos Amor, Ironia, Paixão, Ciume, Abandono.

Musa Hysterica, que tem o louvor dos entendidos, foi publicada pela conhecida livraria da Viuva Tavares Cardoso. A capa é illustrada por Francisco Valença com uma curiosa allegoria, e um explendido retrato de Mercedes Blasco faz realçar a edição que é das melhores que tem sahido dos prelos portuguezes.

Damos hoje, como excerpto, um trecho que ao accaso escolhemos d'aquelle escrinio, e que os nossos leitores devidamente apreciarão:

ESTATUA...

A brisa foi roubar a flor mais fresca e bella
P'ra lhe entornar na bocca aroma que entontece...
E quando ella nos fita, a rir, até parece
Que Deus deixou cair no mundo alguma estrella.

Lembra um retrato ideal fugido d'uma tella:
— Pois de mais gentileza e graça não carece.
A musica da voz é qual sentida prece.
No caminhar ostenta o porte da gazella.

A' força de sublime é quasi uma insolente!
E toda a natureza, em torno, reverente,
Vae arrastar-se aos pés d'esta belleza fátua.

E ella conserva fria uma altivez de raça,
Sem que lhe chegue ao labio a agri-dôce taça
Do Amor: No peito leva um coração d'Estatua...

Agradecemos a offerta dos exemplares que nos foram enviados.

M. S.

A EXPOSIÇÃO CANINA

Não vae longe o tempo em que os cães viviam em Lisboa como em paiz conquistado; a cidade era delles, enxameando as ruas e viélas como abelhas sahidas do cortiço, ferrando os dentes nas canélas dos transeuntes, espantando as cavalidades, ladrando, ganindo, uivando, alarmando a população de dia e noite, impelidos, afinal, pela fome que exasperava a maior parte destes animalejos.

Lisboa era uma exposição permanente de cães de todas as especies vulgares; os galgos, os perdigueiros, os de agua, os de fila ou rafeiros, os atravessados, os gôsos, despresiveis vagabundos, sem dono, sem eira nem beira, vivendo dos caídos e dos barris do lixo que espalhavam pelos portaes das casas, em busca de alguns ossos ou outros despojos suscetiveis de devorar.

O lisboeta aceitava sem protesto este viver promiscuo com a raça canina, e crêmos até que o achava muito natural, desde que os cães tinham vindo ao mundo e de alguma forma haviam de viver. Pelas portas de muitos estabelecimentos havia celhas com agua para estes animaes bebe rem e não se damnarem com sêde. Poderia faltar-lhes comer, agua não lhes faltava.

Não raro se assistia ás brigas de cães, em que os populares entrevinham á cacetada e ao pontapé, seguido-se então um côro de ganidos, que despertava os lamentos e dó das patrôas e creadas, que chegavam pelas janellas.

Outras vezes a cansuada preseguia os cavaleiros até o cavalo se chapar, e corriam com os gatos que se quedavam ao sol, esfuguentando os bichanos em vertiginosas correrias, saltando por toda a parte, até por cima das pessoas.

Estes espetaculos alegravam o rapazio, e provocava a gargalhada nacional os apuros em que o gato se via até encontrar uma porta, uma janela, um buraco por onde enfiasse.

O estrangeiro que visitava Lisboa tanto tinha que admirar a memoria do Terreiro do Paço, como a familiar cansuada que o obrigava a acautelar-se das suas investidas.

O cão sentia-se bem em Lisboa porque não estava deslocado no seio meio; fazia parte dos costumes, até que estes se principiaram a polir e as ruas a limpar.

A capital destes reinos não podia continuar naquelle estado; era tão preciso limpal-a da inmundicie como dos cães, já que não se sabia aproveitar em uso util estes animaes.

Então os edils decretaram a extinção dos cães na cidade, e levaram se annos a fabricar bolos mortiferos para dar a comer aos pobres quadrupedes que escabuchavam pelas ruas e praças, em repelente espetaculo para a população. Faziam-se rusgas, como ainda hoje, que apanhavam na rede quantos cães encontravam vagabundando por altas horas da noite, e com o tempo os cães foram rareando na cidade. Lançou-se lhes um imposto, que quem os quer ter, paga, e hoje os cães constituem um comercio. Compram-se como se compra um burro ou um camelo, pois os ha tão exoticos como os dormedarios em nosso pais.

O que a civilisação tem feito! Valorisou os cães em Portugal. Esses pobres diabos que nem dados os queriam, tem já preços fabulosos no nosso meio; é ver porquanto se tem vendido alguns exemplares na Exposição Canina.

* * *

Entrêmos na exposição, o que não é facil pela enorme concorrencia de visitantes que aflue, talvez movidos da nostalgia de *melioribus annis* em que os cães se viam de graça, livremente e em *magna quantitas* por essas ruas da cidade.

Mil e quinhentas pessoas, não menos, visitaram, no primeiro dia, a Exposição Canina, no Paraiso da Rua da Palma, transformando-o num verdadeiro inferno, se não guardado por um cérbero, pelo menos povoado de algumas centenas de seus descendentes, ladrando, ganindo, uivando, com saudades dos seus penates e sem consideração pelos moradores da visinhança, dia e noite amotinados, sem cobrar socego.

Das nove classes em que, conforme a moderna classificação, se dividem as raças caninas, subdivididas em trinta e seis variedades, acham-se todas representadas com melhores ou peiores exemplares nesta exposição.

Encontram se ali as especies indigenas como os cães alemtejanos, os *Serra da Estrela*, de boa corpulencia e farto pelo, os *Castro laboreiro*, os *Rafeiros*, os *Rabos tortos*, açorianos, magnificos *Perdigueiros* e *Galgos*. Das especies aclimatadas ou exoticas é maior a variedade, e assim vêem-se, os *Brie* e *Blenheim*, cães de gado, os *Cooley*, dinamarquêses, *Pointer*, *Griffou*, *Bourbonais*, *Boll-dog*, *Borzoi*, *Hortals*, *Cocher*, *Carlin*, *Loulou de Pomerame*, *Setters*, *Podengos*, etc., havendo tambem algumas femeas com suas crias, engraçados cachorrinhos, que representam para seus donos valor não menor do que se fossem vitelinhos ou cordeiros.

Em leilão, que tem havido na exposição, venderam-se cães a 30$000, 60$000 e 90$000 réis, preço de uma junta de bois, chegando muito acima disto um par de galgos por 45 libras.

Um belo certamen que, se não teve a grandesa das exposições que, do genero, se fazem no estrangeiro, como ainda a ultima realisada em Paris, a que concorreram mais de mil exemplares ao Jardim das Tulheirias, pódem entretanto, os seus promotores ter a satisfação de ver o bom resultado da sua iniciativa.

E' o primeiro certamen que neste sentido se faz no país, iniciado pela redação do nosso colega *A Caça*, e coadjuvado por alguns amadores tendo á sua frente o sr. Jacintho Paes Falcão.

Houve premios de medalhas e menções honrosas conferidas em larga escala, assim como de objectos de arte, gentilmente distribuidos por senhoras, conforme as classificações feitas pela respetiva comissão.

Esses premios foram os seguintes:

Premio de criador, conferido ao canil d'*A Caça*, offerta do Centro Português de Sport.

Premio de matilha, conferido á matilha de secção de caça, do Centro Portuguez de Sport, offerecido pelo sr. conde dos Olivaes e de Penha Longa.

Ao melhor perdigueiro, ao cão n.º 60, *Pachá*, do sr. Hogan Teves, offerecido pelo Real Club de Caçadores Portuguêses.

Ao melhor *setter*, conferido á cadella n.º 312, *Berrie*, do sr. D. João de Castro Rezende e offerecido pelo Turf-Club de Lisboa.

Ao melhor *podengo* português, conferido ao cão n.º 116, *Eremita*, da menina Diana Lydia, o premio especialmente offerecido para esta classe, pelo sr. Jacinto Paes Falcão.

Ao melhor *spaniel*, conferido ao cão n.º 170, *Darke*, do sr. Henrique Anjos e offerecido pela Espingardaria Central do sr. Gonçalo Heitor Ferreira.

Ao melhor *fox terrier*, conferido ao cão n.º 363, *Norfolk Dick*, da sr.ª D. Elvira Anachoreta, um espelho offerecido pelo sr. Alvaro Virgilio Franco Teixeira.

Ao cão *Orloff*, n.º 294, da sr.ª D. Luiza Cabral Pinto Barreiros, e offerta do sr. dr. Manuel da Costa Guimarães.

Ao melhor cão de guarda, português, adjudicado ao cão n.º 352, *Calçado*, do sr. Ignacio da Conceição Rosa, de Villa Viçosa, offerta da sociedade O Tiro, de Coimbra.

Ao melhor *fila*, conferido á cadella *Farrusca*, do rev. Silvestre José Gonçalves e offerecido pela Direcção Geral de Agricultura.

Ao melhor *dogue*, cão *Sultão*, do sr. Carlos Alberto Stubs de Castro Ribeiro, a salva offerecida pela commissão organisadora da exposição.

Ao melhor cão do Monte de S. Bernardo, conferido ao cão *Jupiter*, do sr. Ezequiel Prego e offerta do sr. conde de Almeida Araujo.

Ao melhor *cooley*, conferido á cadella *Vie*, do sr. Frederico de Faria Bettencourt, o premio do Real Club dos Caçadores de Leça de Palmeira.

Ao melhor cão de luxo, conferido á cadella *Trilby*, do sr. José Ignacio Esteves Brandão, premio offerecido pelo sr. dr. Antonio Rainha, pelo Real Gymnasio Club Figueirense.

Premios especiaes:

Ao melhor grupo de cães premiados, conferido ao sr. dr. Henrique Anachoreta, o premio offerecido pela Sociedade de Tiro aos Pombos.

Ao melhor casal de perdigueiros, conferido ao cão *Bill* e cadella *Olga II*, do sr. Joaquim Mendes Neutel, premio offerecido pelo sr. conde de Fontalva.

Premio offerecido ao mais bonito casal de cães *capotes*, dado ao cão *Jupiter*, e á cadella *Sia*, do sr. Ezequiel Prego.

Ao melhor *setters gordon*, conferido ao cão *Castor*, do sr. Nicolau de Jorge O'Neill, o premio offerecido pela Real Associação de Agricultura.

O premio que pertencia á classe dos *setters* inglêses foi por unanimidade transferido para a classe dos *setters* irlandêses e conferido ao cão *Moka*, do menino Julio Aboim da Silva Amado e offerecido pelo Club-Tiro-Tauro Setubalense.

A comissão, no empenho de promover e incitar o aperfeiçoamento das especies caninas

UM SETTER

A EXPOSIÇÃO CANINA

em nosso paiz, pretende realisar estes certamens annuaes.

O cão, em Portugal, como frisámos na primeira parte desta noticia, era um ser despresivel, sem lhe conhecerem mais aplicação além de servir para caçar e para guarda, e comtudo muitos são ainda os serviços que este animal póde prestar, como por exemplo, na Belgica, onde além doutros trabalhos, puxam as carrocinhas de vendilhões ambulantes; na Allemanha empregam-nos a dar aos foles das forjas; na Suissa carregam lenha. Ultimamente em Paris e outras cidades, são auxiliares da policia na caça aos gatunos, e um cão dessa especie, que ficou em Lisboa e pretencia a um navio norueguez, foi-se aquartelar na esquadra da Boavista e coadjuva um policia a que mais se afeiçoou.

Em Lisboa todos conheceram o cão de um amolador espanhol ambulante, que lhe puchava o rebolo por essas ruas, mas que um estupido policia matou com um bolo de stricnina.

Cadela pudenga com crias

O cego da Cotovia, bem conhecido de muitos senhores e senhoras, tinha um cão que o guiava por Lisboa inteira e ao qual bastava o dono dizer-lhe onde queria ir, para elle lá o levar sem engano. O cego ia á missa ao Loreto e primeiro se sentava o cão no banco para que ninguem tomasse o logar ao dono. Este cão, que morreu, era filho doutro que prestava o mesmo serviço ao cego, que já arranjou outro, neto do primeiro, pelo que é uma geração de cães... inteligentes.

Tudo vae do ensino; e agora, não temos no Coliseu dos Recreios um cão que fala!?

Não ha duvida que a especie canina vae-se rehabilitando em nosso paiz, a quadrupede, que a bípede, essa é incorregivel.

C. A.

Cães pertencentes ao sr. Conde de Fontalva

Cão de S. Bernardo pertencente ao sr. Eduardo Coelho